O ELOGIO DA DUREZA[9]

Helmut Siepmann

O título de um livro é significativo. Desperta o interesse e, no melhor dos casos, convida à leitura. Se o título é um plágio parcial, remete ao que se conhece e aumenta a expectativa, mas também à possível desilusão do leitor. *O Elogio da Dureza* remete para *O Elogio da Loucura*, o *bestseller* com quinhentos anos de Erasmo de Roterdão. Assim como este pequeno livro não representa qualquer elogio da loucura personificada, mas antes se trata de um texto satírico-crítico que abre para muitas significações, também o romance de Rui de Azevedo Teixeira possui múltiplos sentidos.

No que tange à forma, trata-se de um *Bildungsroman*, no qual o jovem protagonista Paulo, por desilusão e infelicidade, se oferece como voluntário para uma comissão militar em Angola. Cego pelos ideais da Pátria e do Império, vive a miséria da Guerra Colonial, na qual a dureza e a autodisciplina levam à sua grandeza pessoal, mas ao mesmo tempo à necessidade de reconhecimento das aspirações à independência da colónia, o que torna para si evidente a falta de sentido da sua acção. O regresso à Pátria na altura da Revolução dos Cravos é o tempo para processar o seu curso de comandos e as suas operações no Leste, no Mayombe e em Luanda. Em diversos episódios, a experiência militar é revelada a amigos até que, por fim, Iza, a sua paixão, surge como uma iluminação que lhe abre um novo sentido da vida, lançando luz sobre a noite do horrível quotidiano em África e o leva a um novo e confiante começo.

Estruturalmente, o romance, dividido em três partes, corresponde a um tríptico de altar, onde pré-história (A Noite Interior) e transformação como visão do futuro (A Luz Eleusina) representam as alas laterais, cada uma de dois capítulos com quatro subtítulos, e a parte central (O Longo Amanhecer Cinzento), de quatro capítulos, surge com um ordenamento especular paralelo de vivências militares em África com transformações políticas em Portugal.

A desclassificação familiar como filho ilegítimo e a desilusão com o primeiro ano da licenciatura em Filologia levam Paulo ao desejo de, através da dureza e do desafio pessoal, conquistar um lugar na sociedade. Depois das quedas do Império e da Revolução dá-se a substituição do princípio da "Dureza" pelo da "Doçura". O protagonista vive então os sucessos da sua licenciatura em Filologia e, através da sua amada mulher, do *Sentido*. Depois de explicada a ilegitimidade devido a um ajustamento por motivos políticos, perde sentido o ímpeto que o leva à tropa e à guerra, mas não a procura da auto-realização que, através deste ímpeto, alcança. *Literatur und Liebe* tiram-no da noite interior e do longo amanhecer cinzento projectando-o para um luminoso futuro.

Assim, este romance de formação poderá ser interpretado como desenvolvimento humano psicologicamente motivado. A par desse desenvolvimento que é a alma do romance, forma-se o grande tema da guerra e da experiência africana, que é introduzido como passado recordado, capítulo a capítulo, na problemática da formação**,** colocando o protagonista bem como o leitor numa dura prova. Logo no curso de comandos, o protagonista tem de lutar contra as fraquezas humanas que se manifestam nos seus camaradas de curso e mais tarde de combate. Paulo sente a "brutalidade" das experiências como um peso que a ele, aliás, não leva ao choro. Interioriza totalmente o esforço. "Tinha ido até ao fim do físico para servir o espiritual (a Pátria)", diz de si próprio, e louva a sua própria "resistência e intimidade com a dureza e o sofrimento".

Paulo não tem qualquer problema na relação com tipos humanos de diferentes raças. Pretos, mulatos e "cabritos" pertencem naturalmente ao seu ambiente. Desagrada-lhe a submissão colonial dos pretos pelos brancos. Embora não esqueça o seu objectivo ideal – servir a Pátria –, duvida da continuação do Império: "Amava criticamente a História de Portugal e o Império,

[9] De Rui de Azevedo Teixeira (Gradiva, 2021).

mas os angolanos já eram crescidos, tinham todo o direito a serem independentes". Com o fim do Império ("Paulo sentia como nunca o Império a desfazer-se e a morrer dentro de si") aumenta o seu receio perante a vida civil que iniciará depois da guerra. O que é que poderia esperar depois da acção militar em África? O certo é que Angola "não era a terra de Paulo. Mas também era sua aquela terra que, depois de Paulo ter andado nela quilómetros sem fim, lhe entrou pelos pés, subiu ao coração e não voltaria a sair". Ao contrário de Angola, em Portugal Paulo sente-se do lado certo da História. Os seus inimigos são os comunistas de Cunhal. Estes sentem pelo "duro a sério", o soldado de elite anti-esquerdista, uma certa consideração. Nem as "lunáticas pretensões revolucionárias" e a "canalhice dos estalinistas" nem a "cobardia da direita" podem merecer o respeito de Paulo. Mas esse mesmo respeito tem-no para com "velhos comunistas" como Carlos Paredes ou Zeca Afonso. E dá-se então o brilhante regresso do antigo guerreiro à Faculdade de Letras de Coimbra, onde procura juntar à dureza do militar a sensibilidade pela literatura.

Os conflitos entre os movimentos de libertação angolanos FNLA, MPLA, UNITA e FLEC já Paulo os pudera confirmar no seu tempo no Leste. "A guerra entre os angolanos era diferente da guerra da tropa contra eles". A agressividade entre pretos, mulatos e "cabritos" já eram visíveis na tropa portuguesa. Essa mesma agressividade chega à invulgar barbaridade nos conflitos armados entre os movimentos. "Os angolanos não se iam entender". Quando Paulo "já tinha feito a sua paz pessoal, íntima, com os guerrilheiros independentistas", aumentam em Luanda os tiros e a banditismo. A guerra civil substitui o conflito com o velho Portugal.

O romance é apenas uma parte de um *Bildungsroman* maior. O subtítulo "A vida aventureira de um homem de Letras – Primeiro Volume" aponta para mais desenvolvimentos do protagonista Paulo. Quando no fim se diz "a dureza da guerra fora enterrada e substituída pela doçura de Iza", o leitor, que teve de experimentar e suportar uma série de vivências traumáticas do protagonista, pode suspirar de alívio. A anunciada continuação da biografia fictícia compensará o leitor e (espera-se) também o herói Paulo.

SE CANTO SÃO AS PALAVRAS[9]

Risoleta Pinto Pedro

Antes de entrar no livro: não é igual ter e ler um poeta em antologia organizada e prefaciada por Paulo Samuel ou… não. Também não é indiferente a este caso, a identidade do autor dos poemas. Digamos que estamos perante dois pesos pesados: um na poesia, outro na razão crítica. Motivo que me faz tomar este livro nas mãos com uma espécie de reverência, talvez ao nível do que Paulo Samuel refere para o seu próprio trabalho: «temor e tremor».

Ainda assim, entremos.

António Salvado merece e remerece ter o olhar de Paulo Samuel sobre a sua obra. O requintado pensamento crítico deste, sustentado por uma linhagem de pensadores como Leonardo Coimbra, faz expressiva diferença no que toca ao resultado que tenho nas minhas mãos: uma antologia de luxo. A todos os níveis. Não desprezo o suporte material de alta qualidade. Logo na capa, um belo retrato de Salvado por Emerenciano, em edição de capa dura, e interior claro e luminoso, ágora poética convidativa e ampla. Pequeno, mas revelador prefácio de José Augusto Alves, presidente do Município de Castelo Branco, onde se percebe quando um munícipe faz tributo à cultura. Regozijemo-nos.

Contém esta antologia, uma representação de quase todos os livros do poeta (as excepções estão claramente explicadas), e acrescenta alguns textos de prosa poética. Tudo o que aqui é publicado pertence às primeiras edições.

Paulo Samuel é contido na introdução, e reduz as notas bibliográficas ao necessário. A sua presença neste livro é de uma suavidade firme que se revela igualmente discreta, mas eficaz, na selecção. Quando não é indispensável, a sua tocha reduz a claridade, brilhando a partir dos

[9] De António Salvado, selecção, introdução, organização e notas de Paulo Samuel (Ed. RVJ Editores, 2021).